

Nº 02
VOLUME 03
Setembro
2003



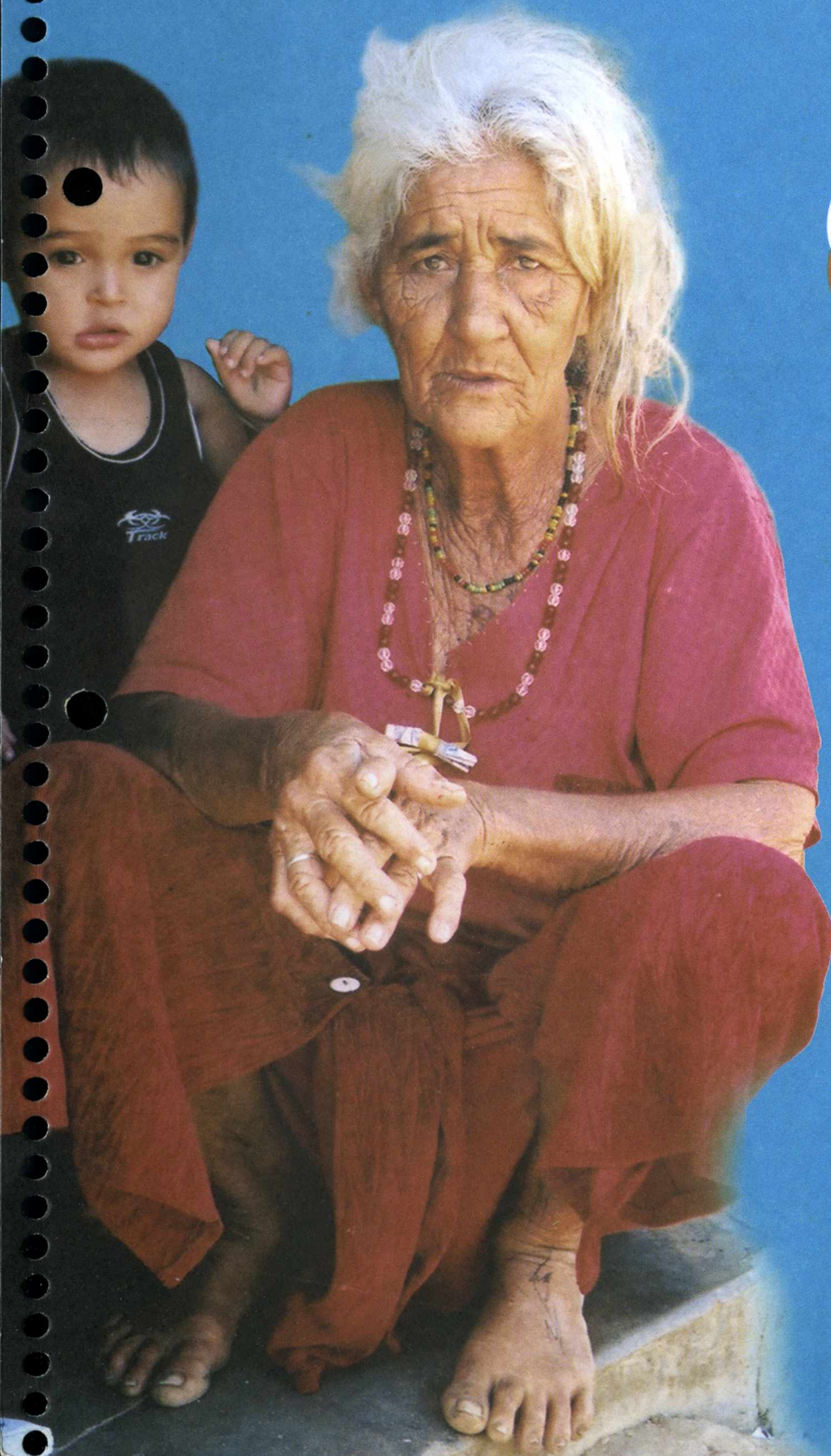
Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDACÃO HÉLIO GALVÃO

Os Ciganos

Maria Patrícia Lopes Goldfarb

Dispersos pelo mundo inteiro, os ciganos são grupos étnicos, que por variadas razões encontram-se em diferentes países, legando e enriquecendo a sua cultura. Compreendem grupos específicos, distintos do ponto de vista cultural, que se pensam e são pensados como diferentes.

Maria Lopes da Conceição - cigana
Florânia/RN



Labim/UFRN



Forçada pela necessidade de sobrevivência e aceitação social, hoje em dia a grande maioria da população cigana é semi-sedentária ou sedentária.

De acordo com o sociólogo britânico Arthur Ivatts (1975), a maior concentração dos ciganos está na Europa, onde reside metade da população total. Registram-se também ciganos na África, Egito,

Argélia e Sudão. Também se evidencia a existência de ciganos no continente americano, dos Estados Unidos à Argentina, tendo uma grande concentração no Brasil.

A população itinerante cigana se confunde com a população não cigana, por isso fica quase impossível levantar números exatos da população cigana no mundo. Acrescente a isso a não existência desta população nos censos demográficos.

São várias as versões sobre as origens dos ciganos, baseadas em dados hipotéticos, com diferentes justificativas para sua presença no mundo. De acordo com a maioria dos estudiosos da temática os "ciganólogos" - os ciganos compreendem um povo originário da Índia, de onde saíram por volta do ano 1000 aproximadamente, estando hoje espalhados no mundo inteiro. Quase todos os pesquisadores consideram as línguas ciganas como um indício comprobatório da sua origem indiana, devido a sua semelhança com o sânscrito.

O termo "cigano", derivado da palavra espanhola *gitano*, assim como a inglesa *gypsy*, vem do Egito (rótulo que persiste através dos

tempos) detectado pela primeira vez na poesia popular bizantina. A designação, atribuída por não ciganos, foi assumida pelos ciganos, obrigados a se identificarem às autoridades locais. Das palavras 'egípcio' ou 'egitano' derivam as denominações *gypsy*, *gitan*, *gitano*, *atsinganos*, *athinganoi*, *tsigane*, *zingaro*, *zigeuner* e *ciganos*. Os próprios ciganos se autodenominam por meio destes termos. Na Europa se distinguem em *Rom*, cuja língua é chamada de *romani*, *Sinti*, de língua sinto e os *Calons* que falam o *kaló* ou *calé*. Cada grupo se divide em subgrupos, que formam comunidades familiares. Os grupos *Roms* estão espalhados por várias partes do mundo, especialmente na Europa central e em alguns países da América Latina como a Argentina, Paraguai e Uruguai. Os *Calons* encontram-se sobretudo na Espanha e são chamados de 'ciganos ibéricos', que se diferenciam dos *Roms* pelo aspecto físico, economia, língua e costumes.

Registra-se a presença de ciganos no Brasil desde os séculos XVI e XVII, vindos como

degradados do reino, foragidos ou simplesmente em busca de melhores condições de vida. Atualmente encontram-se em quase todos os estados do país.

São muitos os trabalhos realizados no Brasil a respeito de grupos ou minorias sociais, porém

poucos voltaram sua atenção para os grupos ciganos, por isso são escassos as informações ou dados sobre os ciganos existentes no Brasil ou sobre sua exata distribuição geográfica. Sabemos que os grupos Roms residem sobretudo nas regiões Sul e Sudeste,

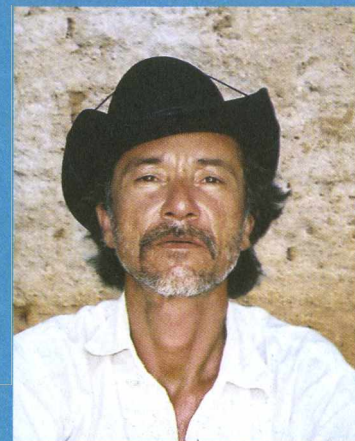
enquanto na região Nordeste constata-se sobretudo a presença de grupos Calons.

As análises sobre os grupos ciganos tendem a oscilar entre a busca das origens de um momento inicial dos grupos; e a tentativa de apreendê-los por meio de traços culturais característicos. Alguns pesquisadores diferenciam estes grupos por meio da língua, das atividades econômicas e da "tradição".

É necessário destacar que nos censos demográficos brasileiros a população cigana não é constatada, portanto é inexistente do ponto de vista oficial. Este descaso com os ciganos não é exclusividade do IBGE. Em termos de leis seus direitos são quase sempre desrespeitados ou nem mesmo reconhecidos. Não falamos da cultura cigana com a merecida autonomia, até mesmo a categoria de minoria lhes é negada.

No imaginário popular brasileiro os ciganos são representados através da ausência de raízes e de uma liberdade exacerbada, fruto de representações que os ligam ao nomadismo. Neste sentido a identidade cigana no Brasil se constrói sobretudo através de estigmas comumente articulado para defini-los.

Os estigmas, que se formam e solidificam no cotidiano e nas formas



Francisco Targino - cigano
Florânia/RN



Branca - cigana
Florânia/RN



Iracema Targina, 80 anos - cigana
Florânia/RN



Francisca Soares - cigana
Florânia/RN



Calon - jovens ciganos
Florânia/RN

Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

Colaborador
Maria Patrícia Lopes Goldfarb
Socióloga, Professora-UEPB

Programação visual
CO2 COMUNICAÇÃO

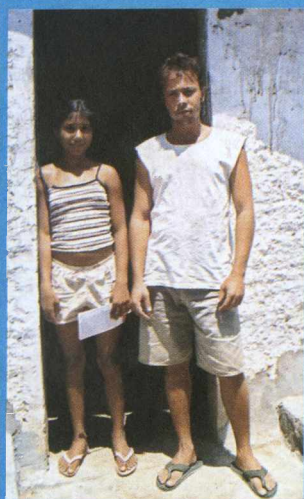
de interação social, apresentam os ciganos como o "outro", o "estrangeiro", o suspeito, por isso geralmente os ciganos são caracterizados por meio de atributos depreciativos tais como: trapaceiro, ladrão, forasteiro, enfim, andarilhos, sem lugar e sem história. Os ciganos que se encontram na região nordeste e denominam-se de *Calons*, teriam migrado

década de 70. Atualmente encontram-se sedentarizados, pois receberam de políticos locais lotes onde foram construídas suas casas, o que desembocou numa vila chamada "Praça Calon". Em Natal, como em todas as cidades do nordeste onde há ciganos, eles moram nas periferias da cidade. Entretanto, apesar da sedentarização, o nomadismo permanece

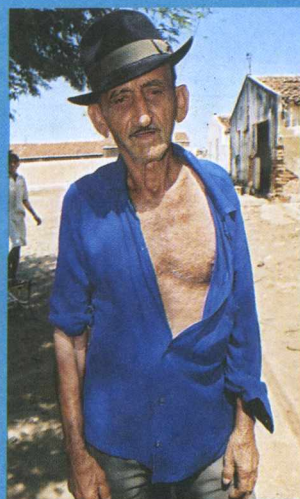
pelas mulheres nas praças e ruas do Centro da cidade, e de pequenas trocas ou comércio de objetos como relógios, pulseiras e Cds piratas, e das aposentadorias que são uma importante fonte de renda. A maioria tem pouca escolaridade e falta de acesso à cidadania, em grande medida provocada pela ausência de documentos de identificação oficial como Registro de

residentes no âmbito periférico das cidades, sofrem diferentes tipos de preconceitos, numa luta diária contra a falta de tudo, construindo e reconstruindo suas formas de sobrevivência sem perder suas especificidades culturais. Neste embate, marcado pela ameaça e pelas incertezas, essas populações constroem um saber que lhes possibilita viver o avesso da vida, a qual, insistentemente, se quer

valores culturais que jamais deixaram de existir em suas formas de sociabilidade. Assim, projetam o futuro à medida em que idealizam o passado, como uma força eficaz, capaz de conduzir à superação da condição de sujeição em que os grupos se encontram, situação em geral imposta por privações materiais e diferentes formas de discriminação social. A reflexão sobre os grupos ciganos precisa



Francisco das C. Soares - cigano e Mariana - cigana
Florânia/RN



Manoel Soares, 78 anos
cigano - Florânia/RN



Maria de Loudes, 70 anos
cigana - Florânia/RN



Valdemir, 38 anos
cigano - Florânia/RN



Maria de Fátima Vicente
Maria de Fátima Ferreira
Francico das Chagas
ciganos - Florânia/RN



Ronildo, 16 anos
ciganos - Florânia/RN

de Portugal para o Brasil no século XVI, muito antes dos Rons que aqui chegaram apenas no século XIX. De acordo com a realização de pesquisas e genealogias feitas por cientistas sociais nos Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, verificam-se semelhanças entre os sobrenomes destes grupos com os ciganos portugueses, como *Costa* ou *Torquato*. Os ciganos que residem em Florânia-RN chegaram na cidade na

sendo um traço cultural distintivo, reproduzido cotidianamente em suas práticas diárias, como na forma de dormir, de fabricar os alimentos, de repousar, etc. Geralmente vivem da quiromancia, realizada

nascimento, RG e CPF. Vale destacar que no Nordeste ocorre entre os grupos ciganos uma dupla discriminação: ser cigano e ser pobre. Como a maioria da população carente, os grupos de ciganos

diferente. Apesar de estarem sedentarizados os ciganos residentes no estado do Rio Grande do Norte não foram expropriados do direito de recordar e viver, de recuperar e reelaborar

situar-se em relação às formas de interação social entre estes e a população não cigana. É preciso não esquecer que estes grupos se reorganizam face à sedentarização e às transformações ocorridas no seu modo de vida, analisando como grupos herdeiros de um tempo coletivo. Repensam, através da memória, o seu tempo vivido, por meio de um olhar que se volta para o passado, reordenando assim o tempo presente.

